

Capítulo 2

OFICINA INTERATIVA SOBRE PRÁTICAS INCLUSIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19 EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

OFICINA INTERATIVA SOBRE PRÁTICAS INCLUSIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19 EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

INTERACTIVE WORKSHOP ON INCLUSIVE PRACTICES IN PANDEMIC TIMES BY COVID-19 AT A FEDERAL INSTITUTION IN THE WESTERN AMAZON

Bruna de Souza Diógenes¹

Lydhia Rubhia de Lima Torres²

Ivanilde da Cruz Soares³

John Kenede Batista Lima⁴

Wanderlana Santos de Assis⁵

Resumo: Introdução: Estudos apontam para a necessidade de se ofertar formação continuada à equipe pedagógica e aos educadores das instituições de ensino, no que diz respeito à educação inclusiva e às práticas de adaptações metodológicas sobre atuação em sala de aula de alunos com necessidades educacionais especiais. Objetivo: Promover oficina interativa sobre práticas inclusivas em tempos de pandemia por COVID-19 em uma instituição federal da Amazônia Ocidental. Metodologia: Trata-se

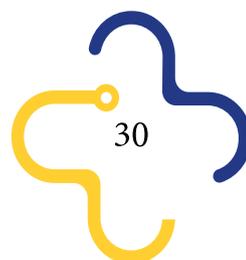
1 Fonoaudióloga. Docente do Curso de Graduação Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário UNINORTE, Rio Branco – Acre

2 Fonoaudióloga. Docente do Curso de Graduação Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário UNINORTE, Rio Branco – Acre

3 Acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário UNINORTE, Rio Branco – Acre

4 Docente do Curso de Graduação Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário UNINORTE, Rio Branco – Acre

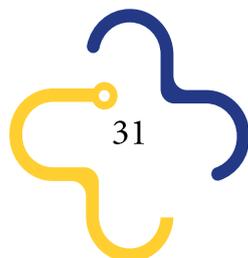
5 Acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado em Fonoaudiologia do Centro Universitário UNINORTE, Rio Branco – Acre.



de um estudo exploratório, de abordagem quali-quantitativa, desenvolvido no período semestre de 2021 com 12 (doze) profissionais que compõem a equipe interdisciplinar, em uma instituição federal da Amazônia Ocidental. A pesquisa aconteceu em 5 etapas, sendo: (1) visita institucional e reunião com os responsáveis pela instituição; (2) diagnóstico institucional; (3) aplicação do questionário online na plataforma GoogleForms; (4) realização da intervenção propriamente dita mediante execução das oficinas, via webconferência, sobre práticas inclusivas e adaptações metodológicas, sob supervisão da professora orientadora e, por fim (5) devolutiva dos resultados encontrados. Este instrumento foi composto por 20 questões objetivas e se desdobrará em duas principais etapas, a saber: (1) dados sócio demográficos, como idade, sexo, estado civil, renda e formação dos profissionais; (2) a segunda conterá questões quanto ao conhecimento dos profissionais sobre a temática em questão. Os dados obtidos serão tabulados em Planilha Excel e classificados segundo as variáveis estabelecidas pelo presente estudo. Posteriormente submetidos à análise estatística no software SPSS 21.0. Resultados: A maioria dos profissionais era do sexo feminino (75,0%), com média de idade entre 26 a 35 anos (58,0%), casado (50,0%), especialistas (58%) e com renda familiar de 4 ou mais salários mínimos (58,0%). Os resultados demonstraram que com a aplicação da oficina foi possível alinhar o trabalho entre os setores envolvidos, ampliar os conhecimentos teórico-práticos dos educadores envolvidos no processo de inclusão no ensino remoto, garantindo um atendimento eficaz aos alunos com deficiência. Conclusão: A aplicação da oficina permitiu evidenciar falhas no processo de inclusão, possibilitando a melhoria através do alinhamento de informações e conhecimentos, garantindo uma instituição responsável aos alunos com deficiência.

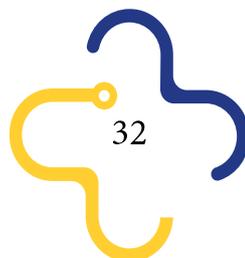
Palavras-chaves: Educação; Fonoaudiologia; Autismo; Formação Continuada.

Abstract: Introduction: Studies point out the need to offer continuing professional development to the pedagogical staff and educators of educational institutions, regarding inclusive education and



the practices of methodological adaptations in the classroom for students with special educational needs. Objective: Promote an interactive workshop on inclusive practices in times of the COVID-19 pandemic in a federal institution in the Western Amazon. Methodology: This is an exploratory study, of quali-quantitative approach, developed in the semester of 2021 with 12 (twelve) professionals who are part of the interdisciplinary team in a federal institution in Western Amazonia. The research took place in 5 stages, being: (1) institutional visit and meeting with those responsible for the institution; (2) institutional diagnosis; (3) application of the online questionnaire on the Google Forms platform; (4) intervention by the execution of virtual workshops on inclusive practices and methodological adaptations, under the guidance teacher's supervision and, finally (5) feedback of the results found. This instrument was composed of 20 objective questions and will be divided into two main stages, as follows: (1) socio-demographic data, such as age, gender, marital status, income, and vocational training; (2) the second will contain questions about the professionals' awareness regarding the theme. The data obtained will be tabulated in an Excel spreadsheet and classified according to the variables established by this study. Then they will be submitted to statistical analysis in SPSS 21.0 software. Results: The majority of professionals were female (75.0%), with an average age between 26 and 35 years (58.0%), married (50.0%), specialists (58%), and household income of 4 or more minimum wages (58.0%). The results showed that by the conduction of the workshop it was possible to align the work between the sectors involved, expand the theoretical and practical awareness of educators involved in the process of inclusion in remote education, ensuring effective care for students with disabilities. Conclusion: The conduction of the workshop allowed evidencing flaws in the inclusion process, enabling improvement through the alignment of information and knowledge, ensuring a responsive institution to students with disabilities.

Keywords: Education; Speech-Language Pathology; Continuing Professional Development.



INTRODUÇÃO

A prática de educação inclusiva no Brasil, além de ser uma obrigatoriedade legal, é um trabalho de construção que inclui a discussão de estratégias metodológicas e práticas de adaptações curriculares que tenha como objetivo contemplar a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais específicas. Não é um processo fácil e depende de muitas ações em conjunto para que seja efetivo (MATOS, S, N.; MENDES, E, G, 2015).

Corroborando com a declaração de Salamanca, que trata sobre o direito à educação de todos, sem distinção, e preconiza que a escola trabalhe com a singularidade de cada sujeito, levando em consideração as características, potencialidades e necessidades de cada aluno durante o processo de aprendizagem a partir de práticas inclusivas (UNESCO, 2020).

A educação especial no Brasil é caracterizada como uma modalidade de ensino transversal a todas as modalidades que visa atender os alunos com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/supertodadação, garantindo as condições necessárias para a educação desse grupo de estudantes (BRASIL, 2008).

Nos últimos anos é notório o aumento de alunos com deficiência ingressando nas instituições de ensino, não se restringindo apenas ao ensino básico, mas acessando também o ensino profissional tecnológico, bem como todos os outros níveis de ensino. O êxito escolar destes alunos não depende apenas deles, mas sim do trabalho em equipe do tripé de atuação composto por aluno, família e escola, principalmente, a prática da educação inclusiva, que deixou para traz os métodos de exclusão, segregação e integração (SZYMANSKI, H, 2016).

Para que a inclusão seja efetiva é necessário mudar o planejamento escolar, de forma a considerar as especificidades de cada aluno com necessidades educacionais específicas, e adaptar o ensino, utilizando de estratégias para esse objetivo. Os autores apontam para a importância da formação continuada dos professores, para que estejam aptos a realizar as práticas necessárias no processo de ensi-

no desse público (SCHMIDT, C., et al, 2016). Dessa forma, a fonoaudiologia educacional tem dentre suas atribuições a oferta e organização da formação docente no que diz respeito a educação inclusiva.

Com a chegada da pandemia por COVID-19 no ano de 2020, a desigualdade social existente na sociedade e por consequência no sistema educacional ficou ainda mais evidente. As instituições de ensino passaram a utilizar as tecnologias digitais para dar continuidade ao ensino, e pensar em estratégias para efetivar a educação se tornou necessário (PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.A.; MAYER, L, 2020).

Infelizmente, nesse cenário as pessoas com deficiência passam por desafios ainda mais intensos, considerando suas dificuldades e desafios específicos. O ensino para esse público em tempo de pandemia deve ser pensado e planejado com muito esforço para que se atinja o êxito no processo de inclusão. Esses desdobramentos exigem ainda mais da atuação assertiva da escola e do professor em sua prática diária (MENDES, R, 2020)

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi promover o desenvolvimento de uma oficina interativa sobre práticas inclusivas em tempos de pandemia por COVID-19 entre educadores de uma instituição federal da Amazônia Ocidental.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem quali-quantitativa, que foi realizado em uma escola da rede federal de ensino, durante o 1º semestre de 2021. A instituição está localizada em uma região central do bairro Xavier Maia, atende alunos na faixa etária a partir de 15 anos, ofertando além do ensino médio técnico, graduação, mestrado e possui ampla área de abrangência recebendo alunos de todos os bairros, inclusive da zona rural.

A amostra foi composta por 12 (doze) educadores que estavam em exercício na rede de ensino. Para tanto, foram incluídos, por conveniência, indivíduos de ambos os sexos e maiores de 18 anos de idade. Por sua vez, foram excluídos aqueles que no momento da coleta de dados estavam de

férias, em afastamento e/ou readaptação de suas atividades, não quiserem e/ou tiveram condições de responder ao instrumento de pesquisa.

A pesquisa seguiu os princípios teóricos e metodológicos propostos por Minayo 8 e foi realizada em 5 (quatro) etapas:

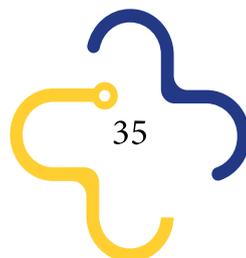
a) Fase exploratória: [1] foi realizada uma reunião via webconferência, com a equipe pedagógica da instituição de ensino selecionada para a pesquisa; [2] aplicação do questionário online na plataforma GoogleForms, aos sujeitos envolvidos.

No primeiro momento foi realizada a reunião com a equipe pedagógica, a fim de expor os objetivos do trabalho, levantar as demandas institucionais e pactuar o cronograma de execução com a equipe gestora para desenvolvê-lo junto aos educadores. Em seguida, convidaram os sujeitos para participarem da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Reitera-se que foi levado em consideração às particularidades, funcionamento e organograma da escola, a fim de não interferir da dinâmica local.

Foi utilizado um questionário autoaplicável, por meio da plataforma Google Form®, disponibilizados através do correio eletrônico, contendo 20 questões objetivas e se desdobrou em duas principais etapas, a saber: (1) dados sócio demográficos, como idade, sexo, estado civil, renda e formação dos profissionais; (2) a segunda conteve questões quanto ao conhecimento dos profissionais sobre a temática de inclusão. Esse instrumento é objetivo, rápido e de fácil aplicação, duração média 15-20 minutos e serviu como base e subsídio para planejamento das oficinas.

b) Fase de planejamento das ações: o planejamento das ações e atividades foram definidos, de forma interdisciplinar e colaborativa, contando com a presença dos gestores da instituição, bem como da equipe pedagógica. É válido destacar que foi delimitada nesta fase a realização das oficinas. É importante salientar que, considerando as demandas dos setores envolvidos no projeto, os dias e horários da coleta de dados, foram determinados pela conveniência e disponibilidade da unidade;

c) Fase de execução: [3] realização da intervenção propriamente dita mediante, via webcon-



ferência, através da plataforma institucional sobre práticas inclusivas e adaptações metodológicas para alunos com deficiência trabalhando, legislação de base, práticas de adaptações metodológicas e curriculares. A oficina se deu em um momento com duração de 04 (quatro) horas. Na oficina abordaram-se aspectos teóricos e embasamento legal, bem como um momento de exposição das dificuldades por parte da equipe. Além disso, foram trabalhados exercícios práticos de adaptações curriculares e metodológicas, bem como orientações de adaptação de aulas. Durante a realização dos encontros foram utilizadas como estratégias de recursos: exibição de slides utilizando ferramentas de animação; dinâmicas; mitos e verdades; notícias; vídeos e um design adaptado aos sujeitos de pesquisa. Ao final de cada oficina, foi realizada uma roda de conversa com o objetivo de fomentar a participação de cada participante sobre seu entendimento, dúvidas e experiências quanto às temáticas apresentadas.

d) Fase de avaliação: realizou-se de forma contínua durante o decorrer da pesquisa, atentando-se ao nível de participação da equipe escolar no que se refere às respostas dadas aos questionamentos e aos relatos pessoais sobre a temática. Após o término dos encontros, foi redigido um relatório como forma de registro dos discursos das participantes e percepção dos pesquisadores. Por fim, foi dada uma devolutiva ao serviço através da apresentação dos achados encontrados.

Os dados foram revisados no programa Microsoft® Office Excel 2016 e analisados pelo software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 21.0, no qual foram calculadas as medidas de frequência para as variáveis de interesse.



Figura 1 - Etapas do percurso metodológico.

A pesquisa respeitou os aspectos éticos com envolve estudos com seres humanos respaldada na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário UNINORTE com o parecer nº 4.708.132 e CAAE: 43677121.0.0000.8028.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação inclusiva – Instrumentalização do fluxo de atendimento a alunos com necessidades educacionais específicas

A Construção da Educação inclusiva, não é uma proposta recente. Considerando sua complexidade e importância, esta construção não tem ocorrido na velocidade que atenda às necessidades e desejos. Os elementos responsáveis para se implementar uma educação inclusiva, são até bem conhecidos, debatidos e continuam a despertar interesse dos estudiosos. Por esse ângulo a obra de construção parece lenta, mas não está parada. (FONSECA-JANES. C; JANES, M, 2012)

É notório a boa vontade e o interesse de muitos profissionais da educação no que diz respeito a educação inclusiva. São vários eventos e estudos para discutir sobre como de fato exercê-la dentro da escola, com o objetivo de construir conhecimento e práticas que contemplem essas necessidades.

Inserir o aluno dentro do ambiente escolar não é um ato simples, pois não consiste em apenas matriculá-lo, é necessário tornar a escola um local onde este aluno com deficiência possa desenvolver suas habilidades. O livro *A construção da educação inclusiva: enfoque multidisciplinar*, cita:

A educação inclusiva é mais do que a retirada dos obstáculos que impedem todos os alunos de frequentarem a escola regular. É, antes de tudo, um processo dinâmico sem término, já que não é um mero estado de mudança, mas um processo de reestruturação educacional, tanto no âmbito organizacional, quanto no âmbito pedagógico. (FONSECA-JANES. C; JANES, M, 2012)

A inclusão não diz respeito a apenas colocar o aluno nas escolas regulares, mas sim, a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas. É necessário auxiliar todos os professores a aceitarem essa responsabilidade relacionada à aprendizagem de todos os alunos, a fim de prepará-los para realizarem as práticas de adaptações curriculares. (MITTLER, Peter, 2003)

Ainda com a necessidade de se incluir, existem diversas barreiras nesse processo de inclusão, que interferem diretamente na efetividade da inclusão na educação. Mesmo que as barreiras ideológicas, culturais e atitudinais sejam vencidas, ainda há um desafio muito grande com o financiamento e estruturação das ferramentas necessárias para tal. O livro *Educação Inclusiva: Uma Reflexão Geral*, cita:

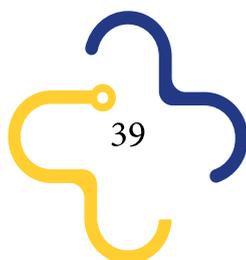
Há diversas barreiras para a implantação da educação inclusiva, além dos obstáculos culturais, ideológicos, financeiros, educacionais, institucionais, e

resistências dos familiares frente à inclusão das crianças com deficiência na escola comum. A inclusão, entretanto, busca atender a todos os alunos nas suas diferenças pessoais, linguísticas, culturais e sociais. Mudanças do sistema educacional são necessárias, na realidade, as escolas não se encontram preparadas para atender a essa clientela. O processo de inclusão educacional ainda provoca muitas discussões entre pesquisadores e educadores, porque exige o repensar das práticas pedagógicas na educação atual e sobre a construção de espaços escolares menos excludentes (CRIPPA, R. M.; VASCONCELOS, V, 2012)

As práticas inclusivas dizem respeito a todas as mudanças e adaptações necessárias nos pilares da escola, sejam comunicacionais, estruturais ou de currículo para que a escola se torne responsiva ao aluno, possibilitando que este tenha acesso e possa adquirir o conhecimento.

Essas estratégias só são possíveis quando existe planejamento das ações. O hábito de planejar possibilita ao professor criar estratégias, prever resultados, estabelecer outras possibilidades (MANTOAN, M. T. E, 2006). Esse planejamento envolve que se pense em um fluxo de acolhimento do aluno com necessidade educacional específica, a fim de conhecê-lo dentro de todo seu contexto de vida bem como de suas necessidades frente ao ambiente educacional.

O trabalho pedagógico com crianças e jovens que apresentam Necessidades educacionais específicas – NEEs no ensino regular traz uma série de necessidades (equipamento tecnológico, acessibilidade, recursos pedagógicos diversos presentes na sala de aula). Ao pensarmos em inclusão é preciso considerar que não é só está aberto a receber o aluno que apresenta NEEs na escola, mas fazer um trabalho significativo contemplando ações pedagógicas, com signos relevantes ao aluno, levando-



-o a estabelecer relações e associações das imagens mentais já adquiridas de certo conteúdo o que só poderá ser possível por meio de um Planejamento individual realizado de cada aluno com deficiência, de acordo com suas singulares (MÓL, G. S.; DUTRA, A, 2020)

Essas adaptações só serão possíveis após o levantamento de informações suficientes desse aluno, compreendendo seu contexto, e especificidades que impactam diretamente no seu desempenho escolar. Dessa forma, o primeiro passo ao se receber um aluno com deficiência é conhecê-lo, e para isso, pode-se utilizar instrumentos norteadores, que guiem esse processo. No Núcleo de atendimento às pessoas com necessidades educacionais específicas – NAPNE da instituição de ensino federal a qual a pesquisa foi aplicada utiliza-se um roteiro de atendimento inicial, que possibilita conhecer previamente o aluno.

Com a aplicação desse instrumento, a equipe de educação inclusiva levanta informações suficientes para produção do relatório de informações pedagógicas desse aluno, de forma a orientar os docentes a como proceder com as adaptações curriculares naquele caso em questão. Entretanto, para que esse fluxo funcione, o trabalho interdisciplinar é indispensável, sendo necessário que todos os setores e profissionais envolvidos nesse processo entendam o funcionamento do fluxo e a importância de se utilizá-lo.

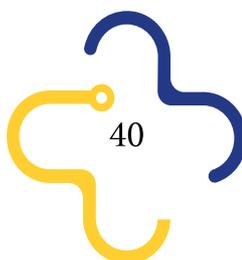




Figura 2 – Fluxo de atendimento seguido pelo NAPNE/IFAC

De acordo com a análise das respostas do questionário aplicado aos profissionais envolvidos nesse fluxo, apresentam-se os seguintes achados sobre a equipe:

Tabela 1 – Características sociodemográficas da equipe técnico pedagógica de uma instituição de ensino federal no município de rio Branco - Acre, Brasil, 2021

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	9	75
Masculino	3	25
Idade (anos)		
26 -35	7	58
35 – 45	3	25
>46	2	17
Estado Civil		
Solteiro	5	42
Casado	6	50
Divorciado	1	8
Formação		

Especialização	7	58
Mestrado	5	43
<i>Renda familiar mensal*</i>		
4 ou mais salários mínimos	7	58
2-3 salários mínimos	5	42
Total	12	100,0

Notas: SM = Salário Mínimo; *Valor do SM em 2020 = R\$ 1.050,00.

De acordo com a tabela 1, a maioria dos profissionais da equipe envolvida no fluxo de atendimento aos alunos com necessidades educacionais são do sexo feminino (75%), corroborando com Gatti e Barretto (2009), que destacam a predominância de mulheres nos postos de trabalho de profissionais da educação. Quando a escolaridade 100% possuem nível superior, sendo 58% com especialização e 43% com mestrado, o que evidencia um alto nível de instrução acadêmica desses profissionais.

Acontece que apesar do elevado nível de instrução acadêmica, alguns dos profissionais envolvidos não possuem formação específica na área da educação inclusiva, o que acaba impactando nos conhecimentos sobre adaptações curriculares e também sobre a atuação do fonoaudiólogo dentro da instituição de ensino, nesse contexto como podemos ver nos dados da tabela 2:

Tabela 2 – Conhecimentos sobre a atuação da fonoaudiologia educacional

Variável	N	%
<i>Você conhece o trabalho da fonoaudiologia?</i>		
Sim	11	92
Não	1	8
<i>Você conhece ou teve/tem contato com o trabalho da fonoaudiologia educacional?</i>		
Sim	0	0
Não	12	100
<i>Você considera a atuação do fonoaudiólogo educacional importante para a escola?</i>		
Sim	12	100
Não	0	0
<i>Na sua concepção qual a atuação do fonoaudiólogo no âmbito escolar?</i>		

Atuação em diversas áreas, desde adaptações curriculares para alunos com deficiência, triagens de alterações fonoaudiológicas e, promoção e prevenção da saúde vocal e auditiva do professor e orientação aos familiares.	1	8
Atua no tratamento clínico de alunos com alterações de fala dentro da escola.	4	33
Trabalha apenas com a voz do professor.	7	58
Total	12	100,0

É possível observar uma expansão do conhecimento sobre a fonoaudiologia, entretanto, as particularidades dessa atuação na área educacional ainda geram muita confusão. Como podemos ver nos dados coletados na tabela 2, apesar de em sua totalidade os profissionais entrevistados conhecerem a fonoaudiologia, nenhum relatou conhecer ou ter tido contado com a atuação educacional do fonoaudiólogo, apesar dessa atuação ser de extrema importância. (ASPILICUETA P, OLIVEIRA JP, ZABOROSKI AP, 2009)

A confusão sobre a atuação desse profissional permeia principalmente sobre a prática clínica, onde muitos acreditam que esse profissional atuará nas escolas de forma clínica, podemos observar isso ainda na tabela 2, quando todos os profissionais escolheram também a opção de atendimento clínico quando perguntado sobre a atuação do fonoaudiólogo na educação. Essa concepção se apresenta equivocada, uma vez que nesse ambiente educacional, a atuação clínica é proibida pelo conselho de fonoaudiologia. (SISTEMAS DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA, 2016)

Tabela 3 – Desafio da educação inclusiva no ensino remoto

Variável	N	%
<i>Em sua concepção, qual o maior desafio no ensino remoto?</i>		
Acesso a internet	7	58
Ausência de supervisão presencial do professor	3	25
Falta de comprometimento por parte dos alunos	2	17
<i>Em sua opinião, qual tem sido a maior dificuldade para os educadores frente ao ensino remoto?</i>		
Conseguir passar os conteúdos de maneira clara e efetiva sem cansar os alunos;	8	67
O manuseio das tecnologias digitais;	3	25
Falta de conectividade às tecnologias digitais	1	8
<i>Tratando-se de alunos com necessidades educacionais específicas, qual o maior desafio para eles frente ao ensino remoto?</i>		
Falta de atendimento especializado presencial;	6	50
Necessidade de aprender uma nova realidade imediatamente	6	50
Dificuldades socioeconômicas	0	0
<i>Tratando-se de alunos com necessidades educacionais específicas, qual o maior desafio para os educadores frente ao ensino remoto?</i>		
Para adaptar aulas interativas de acordo com a necessidade de cada aluno	6	50
Falta de conhecimento sobre inclusão no ensino remoto	6	50
Falta de colaboração da família no processo de ensino	0	0
<i>Possui algum conhecimento sobre adaptações curriculares para alunos com deficiência especificamente no ensino remoto?</i>		
Sim	7	58
Não	5	42
<i>De quem depende o sucesso do ensino?</i>		
Professores	0	0
Alunos	0	0
Instituição	0	0
Trabalho colaborativo entre professores, alunos e instituição	12	100
Total	22	100,0

Em relação a educação inclusiva e ao atendimento dos alunos com necessidades educacionais específicas, é possível perceber diversas variáveis importantes que interfere na eficácia do ensino, como a dificuldade de acesso a internet e a necessidade de uma nova realidade abrupta. O que en-

contramos em unanimidade é a dificuldade por parte dos educadores em se fazer inclusão nessa nova realidade, apresentando desafios na adaptação das aulas, falta de conhecimento na área da educação inclusiva, bem como a dificuldade de encontrar a colaboração da família, uma realidade bem comum mesmo antes da pandemia, onde se tornou necessário o ensino remoto. (FREIRE, P, 2011)

Se considerarmos a realidade social e econômica no Brasil, é possível entender o impacto que tais condições causam no processo de aprendizagem dos alunos. O aumento da criminalidade, desemprego, e violência, refletem diretamente em questões sanitárias, sociais e na educação, implicando diretamente no sucesso acadêmico. (SILVIA, D; SOUSA, F, 2020) A partir de pressuposto, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre –IFAC, através de diversas estratégias de apoio aos alunos em tempos de pandemia, organizou programas sociais para suprir as necessidades dos alunos, como entrega de cestas básicas, kits de higiene básica, auxílios financeiros, entrega de equipamentos eletrônicos e chips de internet móvel.

As dificuldades levantadas, e as variáveis que interferem no processo de ensino aprendizagem no ensino remoto, tornaram necessário um alinhamento relacionado às práticas de educação inclusiva, de forma a garantir que os alunos com necessidades educacionais específicas tenham êxito. Dessa forma, com a aplicação da oficina, foi possível abordar estratégias de inclusão, de forma a contornar as dificuldades enfrentadas.

Com a participação da equipe técnico pedagógica da instituição, as discussões foram ricas, uma vez que todos os presentes se encontram envolvidos diretamente no fluxo de atendimento aos alunos com necessidades educacionais específicas.

No transcorrer da oficina foi possível observar a existência de alguns percalços, a saber: a ausência de alguns profissionais; dificuldades em participarem como interlocutores nas discussões; falta

de familiaridade dos sujeitos com as temáticas abordadas; sensação de incapacidade, por parte de alguns, para o enfrentamento dos desafios impostos pela educação inclusiva, bem como na utilização de estratégias que pudessem oferecer suporte ao processo de ensino e aprendizagem; alguns educadores estavam com dificuldades de se posicionar em relação ao assunto, expressar suas dúvidas, e alguns desconheciam até mesmo questões simples sobre os aspectos trazidos. Também houveram problemas em relação a conectividade de internet e interação com a plataforma digital por parte dos participantes, o que impossibilitou ou dificultou o acesso de alguns na plataforma. Como forma de minimizar o problema, foram ofertadas assessorias de acesso à plataforma online e em caso de impossibilidade, o link de acesso foi compartilhado para que todos pudessem acessar os conteúdos ministrados.

Apesar das dificuldades supracitadas e enfrentadas podemos apontar algumas mudanças e efeitos: muitos dos educadores se constituíram em interlocutores dentro do grupo de trabalho; construção de novos olhares para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de estratégias que contemplassem às práticas inclusivas; maior entendimento do que constitui a efetivação das práticas inclusivas e adaptações curriculares; engajamento dos sujeitos nas discussões mostrando-se envolvidos no processo; profissionais participavam ativamente das discussões sobre os achados e colaboram entre si; experiências pessoais dos participantes relacionados às suas vivências; sensibilização por parte dos envolvidos para as temáticas discutidas; Destaca-se a participação dos profissionais nas atividades que foram propostas, trazendo suas experiências e dúvidas de como agir em certas situações, bem como interesse pelo assunto, tendo em vista que a instituição possui obrigação de inserir alunos com deficiência ou NEE nas salas de aula e alguns professores estão, aos poucos, buscando formas de incluí-los de maneira significativa. Atrelado a isso, os participantes puderam se sensibilizar e se instrumentalizar quanto às temáticas propostas e necessidade de uma mudança de paradigma educacio-

nal que possibilite uma reorganização das práticas de ensino, mediante atividades, ações e estratégias de planejamentos, formação, currículo, avaliação e gestão do processo educativo.

Vieira e Volquind (VIEIRA, E.; VOLQUIND, L, 2002) destacam que a oficina se configura como um instrumento importante para a construção do conhecimento tendo em vista que promove o diálogo entre a teoria e a prática, por meio da interação e partilha entre os participantes, fomentando a reflexão e ação sobre o tema tratado, articulando transmissão, aquisição e compartilhamento de informações de maneira socializada. Corroborando com essa ideia Paviani e Fontana (2009) reitera que o uso da Oficina como técnica, cujo objetivo primário consiste em promover a formação continuada de professores é eficaz, já que permite a articulação de conceitos teóricos com a vivência concreta do participante, aspecto muito importante e que precisa ser explorado. Soma-se a isso o fato de que é por meio dessa estratégia que conseguimos fomentar o trabalho em equipe, o que gera a construção de um saber coletivo e por isso passível de apropriação por esses sujeitos com maior significação.

Após a realização da oficina, com a aplicação do questionário pós, apresentam-se os resultados:

Tabela 4 – Conhecimentos sobre a atuação da fonoaudiologia educacional – pós oficina

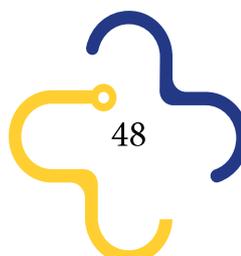
Variável	N	%
<i>Você conhece o trabalho da fonoaudiologia?</i>		
Sim	11	100
Não	0	0
<i>Você conhece ou teve/tem contato com o trabalho da fonoaudiologia educacional?</i>		
Sim	12	100
Não	0	0
<i>Você considera a atuação do fonoaudiólogo educacional importante para a escola?</i>		
Sim	12	100
Não	0	0
<i>Na sua concepção qual a atuação do fonoaudiólogo no âmbito escolar?</i>		

Atuação em diversas áreas, desde adaptações curriculares para alunos com deficiência, triagens de alterações fonoaudiológicas e, promoção e prevenção da saúde vocal e auditiva do professor e orientação aos familiares.	12	100
Atua no tratamento clínico de alunos com alterações de fala dentro da escola.	0	0
Trabalha apenas com a voz do professor.	0	0
<i>Você se sente apto a executar o fluxo de atendimentos aos alunos NEE?</i>	12	100
Sim		
Não	0	0
<i>Na sua concepção, as informações abordadas na oficina foram úteis para o trabalho realizado na instituição?</i>		
Sim	12	100
Não	0	0
<i>Gostaria que houvesse outras oficinas nessa temática?</i>		
Sim	12	100
Não	0	0
Total	12	100,0

Com a aplicação da oficina, se comparamos os resultados com os dados anteriores, é possível notar um avanço nos conhecimentos sobre a atuação da fonoaudiologia educacional e sobre as práticas inclusivas dentro da realidade estudada. Dessa forma, conscientizar a equipe educacional sobre a fonoaudiologia educacional é essencial, uma vez que o trabalho realizado por esse profissional se faz necessário dentro de uma instituição de ensino. (ASPILICUETA P, OLIVEIRA JP, ZABOROSKI AP, 2009)

Além disso, aprimorar os conhecimentos da equipe sobre as práticas de educação inclusiva, alinhando um fluxo de atendimento eficaz, contribui consideravelmente para o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem em tempos de pandemia por COVID-19. (SILVIA, D; SOUSA, F, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A aplicação da oficina de práticas inclusivas, destinada à equipe técnico pedagógica do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Acre- IFAC permitiu alinhar o fluxo de atendimento adotado pelo gestor do setor de atendimentos aos alunos com necessidades educacionais específicas, bem como disseminar o conhecimento sobre a atuação do fonoaudiólogo educacional dentro desse contexto.

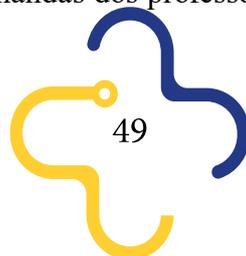
O estudo possibilitou evidenciar a importância de seguir um fluxo coerente de atendimento aos alunos com deficiência, de forma a proporcionar adaptações curriculares efetivas aos discentes. Além disso, o alinhamento de informações intersetores sobre o fluxo seguido, permite que cada agente envolvido execute de maneira adequada o seu papel, permitindo que o andamento do processo adaptativo seja eficaz.

Com os resultados apresentados, nota-se que o grau de conhecimentos sobre as práticas inclusivas deixa de ser de responsabilidade apenas do setor de inclusão, mas sim de todos os agentes envolvidos nesse processo, tornando a instituição um lugar de fato responsivo aos alunos com necessidades educacionais específicas, garantindo assim, não apenas o ingresso dos alunos, mas seu êxito e sucesso acadêmico.

Nesse sentido, reitera-se a importância desse trabalho tendo em vista que o mesmo contribuiu de forma significativa para o processo formativo da equipe docente que atua com alunos com deficiência, capacitando multiplicadores do ensino.

REFERÊNCIAS

MATOS, S, N.; MENDES, E, G. Demandas dos professores e inclusão escolar. Rev. Bras. Ed. Esp.,



v.21, n.1, p.9-22, 2015.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Declaração de Salamanca. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 27 de març. 2020.

BRASIL. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. 2008. disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> . Acesso em 27 mar. 2020.

SZYMANSKI, H. A relação família e escola: desafios e perspectivas. Brasília: Liber, 2010.

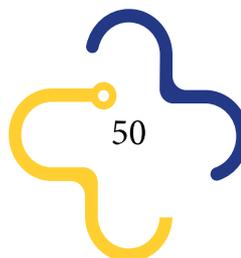
SCHMIDT, C., et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. Psicologia, teoria, prática, v.18, n.1, p.222-235, 2016.

PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.A.; MAYER, L. Desafios da educação em tempos de pandemia, Editora Ilustração, Cruz Alta – Brasil, 2020.7.

MENDES, R. Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19: Um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais. Instituto Rodrigo Mendes, 2020.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

FONSECA-JANES. C; JANES, M. A construção da educação inclusiva: enfoque multidisciplinar. Marília: UNESP,2012. 182 p.



MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003. 264 p.

CRIPPA, R. M.; VASCONCELOS, V. O. Educação inclusiva: uma reflexão geral. Cadernos da FUCAMP, v.11, n.15, p.155-176, 2012.

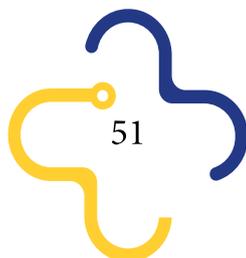
MANTOAN, M. T. E. Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Editora Moderna, 2006, 50 p.

MÓL, G. S.; DUTRA, A. Construindo materiais didáticos acessíveis para o ensino de ciências. In: PEROVANO, L; MELO, D. Práticas inclusivas: saberes, estratégias e recursos didáticos. Encontrografia. 2020. 176 p.

GATTI, B.; BARRETTO, E. S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009, 249 p.

ASPILICUETA P, OLIVEIRA JP, ZABOROSKI AP. Estágio em Fonoaudiologia Educacional: conhecendo e intervindo na realidade escolar. In: PIETROBON, S. R. G. Estágio Supervisionado Curricular na Graduação: experiências e perspectivas. Curitiba: CRV Editora. 2009, 85 – 95 p.

SISTEMAS DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA. Atuação do fonoaudiólogo educacional: guia norteador [Internet]; 2016 [acesso 12/06/2021]. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2013/07/guia-norteador.pdf> Acesso em: 24 jun 2021.



FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SILVIA, D; SOUSA, F. Direito à educação igualitária e(m) tempos de pandemia: desafios, possibilidades e perspectivas no Brasil. *RJLB*, Ano 6, 2020.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. *Oficinas de ensino? O quê? Por quê? Como?* 4 ed. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.

PAVIANI, N. M. S; FONTANA, N. M. *Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência*. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 14, n. 2, p. 77-88. 2009.